

POLÊMICA

2ª edição

UM RETRATO DO JAPÃO

OSVALDO PERALVA




EDITORA
MODERNA

*Wilson
10-10-92
W.D.*

OSVALDO PERALVA

Jornalista e bacharel em Direito.

Autor e tradutor de diversas obras e ex-correspondente da
Folha de S. Paulo e da revista *Visão* em Tóquio.

UM RETRATO DO JAPÃO

Coleção Polêmica


EDITORA
MODERNA

Wilson

Coordenação editorial: José Carlos de Castro

Preparação de originais: Luiz Vicente Vieira Filho (coordenador),

Delza Rocha de Freitas Menin (preparadora)

Pesquisa iconográfica: Thais Helena F. Botelho

Revisão: Lisabeth Bansi Giatti (coordenadora)

Artes: Sidnei Moura (coordenador)

Capa: ilustração de Paulo Manzi

Composição: Typelaser Desenvolvimento Editorial

Agradecemos ao Consulado do Japão pela cessão de fotos dos capítulos 2, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15

**Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Peralva, Osvaldo, 1918-

Um retrato do Japão / Osvaldo Peralva.--
São Paulo : Moderna, 1990. -- (Coleção polêmica)

Bibliografia.

1. Japão - Civilização 2. Japão - Condições econômicas 3. Japão - Condições sociais
I. Título. II. Série.

90-2240

CDD-952

-330.952

Índices para catálogo sistemático:

1. Japão : Civilização 952
2. Japão : Condições econômicas 330.952
3. Japão : Condições sociais 952

ISBN 85-16-00441-4

Todos os direitos reservados
EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Afonso Brás, 431

Tel.: 531-5099

CEP 04511 - São Paulo - SP - Brasil

1991

Impresso no Brasil

PREFÁCIO

Durante sete anos e meio, de julho de 1974 a fins de janeiro de 1982, vivi na Ásia, como correspondente estrangeiro da revista *Visão* e, de 1976 em diante, também da *Folha de S. Paulo*, ambas publicações paulistas. Graças ao domínio do idioma espanhol, passei a trabalhar igualmente para o quinzenário mexicano *Visión* e, por brevíssimo período, para a Radio Independencia de Buenos Aires.

Minha sede era Tóquio, mas viajei por dezesseis países asiáticos e numerosas ilhas da Micronésia, em parte a serviço, em parte no gozo de férias. Na Ilha Formosa, mais conhecida internacionalmente como Taiwan ou China Nacionalista, estive três vezes em missão jornalística. Numa delas, junto com outros correspondentes, percorri o território de ponta a ponta, ao longo de sete dias. Já na República Popular da China, a China Comunista (ou continental), passei dez dias, na condição de turista, ciceroneado por Gerardo Mello Mourão, correspondente da *Folha de S. Paulo* em Pequim.

Na Tailândia e depois na Malásia, com passagem por Cingapura, andei colhendo informações e tentando contato com guerrilheiros que agitavam o Sudeste Asiático, com motivações esquerdistas ou separatistas, alimentadas por minorias raciais. Mais tarde, por conta própria, voltei à Tailândia e a Cingapura.

Em 1975, recebi tarefa de *Visão* para deslocar-me imediatamente ao cenário de guerra do Vietnã do Sul, onde os vietcongues e as tropas do Vietnã do Norte levavam de roldão a débil resistência sul-vietnamita. Fui testemunha ocular do desmoronamento da capital, Saigon, e do regime do corrupto presidente Nguyen Van Thieu. Visitei algumas vezes Hong Kong, com esticadas até Macau, assim como Filipinas, Coréia do Sul (a do Norte, não, pela dificuldade na obtenção de visto no passaporte), Índia e outros lugares.

Mas foi o Japão, sem dúvida, o país que melhor pude conhecer, apesar de algumas barreiras. Pela primeira vez não senti o desafio, morando em país estrangeiro, de aprender o idioma nativo. Talvez me achasse cansado daquele exercício meio absurdo de, durante uma vida inteira, aprender um idioma para depois esquecê-lo e ter, mais adiante, de reaprendê-lo. Ao todo, deixei-me provocar pelas seduções de umas dez línguas, despendendo com isso tempo imenso.

Ao chegar a Tóquio levava a decisão de não aprender japonês, a não ser o essencial para sobreviver no dia-a-dia. Até porque, segundo era corrente entre os ocidentais, a maioria dos japoneses sabia inglês. Não era verdade. Entretanto, para um correspondente estrangeiro, há recursos que tornam dispensável o aprendizado sério da língua japonesa. Assim, limitei-me a decorar dois silabários fáceis — *hiragana* e *katakana* (este último uma escrita destinada a reproduzir, aproximadamente, os sons de palavras estrangeiras). Depois estudei um pouco os ideogramas chineses, chamados *kanji*, a principal escrita da língua japonesa, utilizada juntamente com a hiragana e katakana. Uma pessoa modestamente ilustrada precisa conhecer uns 3 mil *kanji*. Eu consegui apenas uns 150, e já os esqueci. Além disso, aprendi frases corriqueiras para breves diálogos na rua.

Mas o Japão está preparado para ajudar o estrangeiro, em especial o jornalista, que não fale sua língua. Os principais jornais — *Yomiuri Shimbun*, *Asahi Shimbun* e *Mainichi Shimbun* — têm edições em inglês, e existe outro que só é publicado em inglês, *The Japan Times*. A agência nacional de notícias, Kyōdo, faz emissões diárias, por teletipo, em inglês, até 22 horas. E o inglês é o idioma oficial do Clube dos Correspondentes Estrangeiros, *The Foreign Correspondents' Club of Japan*, muito bem instalado e funcionando 24 horas por dia. E há ainda o *Foreign Press Center*, fundação vinculada ao Ministério do Exterior, que publica vasta literatura em boletins, folhetos, livros, sobre os mais variados aspectos da vida japonesa, e promove excursões para correspondentes aos lugares mais interessantes, do ponto de vista jornalístico, como uma fábrica de robôs destinados a fabricar outros robôs ou trechos em construção do maior túnel do mundo.

Os líderes políticos e econômicos do país, com poucas exceções, não falam inglês. Para entrevistá-los era preciso sempre levar um intérprete, habitualmente em inglês, mas às vezes em francês, espanhol e até em português. O *Foreign Press Center* se incumbia de mobilizar o intérprete, a um preço astronômico (todos os preços no Japão são astronômicos).

Nos grandes jornais e revistas há os especialistas em futebol, política internacional, economia, política nacional, atividades parlamentares, vida social. Mas o correspondente estrangeiro deve tratar de todos esses assuntos, pois é um só. Contudo, minhas matérias tratavam sobretudo de política e economia, inclusive das relações do Japão com outros países — Europa, Estados Unidos ou Terceiro Mundo.

Os conhecimentos que adquiri do Japão, nesse período, foram filtrados pelo meu senso jornalístico, isto é, de comunicação com o público. E o que pretendo apresentar neste livro são os pontos a meu ver mais interessantes aos leitores, muitas vezes mal-informados sobre uma das nações mais em evidência de nosso tempo.

O autor

*Dedicatória
Para Yuko e Yumé*

Agradecimentos

Agradeço a Heraldo Póvoas de Arruda, contemporâneo em Tóquio, a ajuda material e intelectual que me deu na elaboração deste livro.

Agradeço igualmente a dedicada cooperação de Edma Lúcia Frazão de Assis na composição datilográfica dos originais deste livro.

Observações

1. Os nomes de pessoas começam com o prenome, seguido do nome de família, ao contrário da ordem japonesa, em que o nome de família vem antes do prenome.

2. Quanto à grafia das palavras, adotamos em geral a forma inglesa, com exceção de algumas já aportuguesadas pelo uso. Assim, grafamos Tóquio e gueixa, em vez de Tokyo e geisha, porém Kyoto e Osaka. Escrevemos Pequim e Nanquim, porém Chungking.

Para o som de xis, usamos o *sh* inglês. Por exemplo, shamisen e não xamissen ou chamissen; shinto e não xinto. Quando usamos "ch", isso soa *tch*. Exemplo: Chiba, que se pronuncia Tchiba. Da mesma forma o "j" e o "w" se pronunciam à maneira inglesa: *dji* e *u*. Assim, Fujiwara soa como Fudjuara. A letra "g", antes de "e" e "i", soa sempre como *gue*. Exemplos: Shigemori, que se pronuncia Shiguemóri, e Ginza, que se pronuncia Guinza.

3. A bibliografia relativa a cada capítulo está no final do livro.

SUMÁRIO

1. Esboço	10
Biografia dos japoneses, 12. A língua e as religiões, 14. Dois séculos e meio de isolamento, 15.	
2. Modernização e agressão militar	18
A divisão colonial, 22. Entre os cinco grandes, 24. A tentação totalitária, 26.	
3. Os caminhos da guerra	31
O ataque a Pearl Harbor, 34. A Guerra do Pacífico, 40. Hiroshima e Nagasaki, 44.	
4. A revolução da ocupação	49
Zaibatsu e reforma agrária, 52. A nova Constituição, 55. A nação desarmada, 58.	
5. Reconstrução e expansão econômica	62
Os grupos de empresa, 65. O sistema bancário, 66. Bolsas e seguros, 70.	
6. A empresa e o empregado	71
Teste para o pacto, 74. Os círculos de controle, 77.	
7. Panorama econômico atual	81
Setores industriais, 83. Comércio e agricultura, 84. Pesca e energia, 85. O comércio exterior, 86.	
8. Do Shinkansen à tevê de alta definição	90
Rodovias, 92. Transporte marítimo, 92. Transporte aéreo, 92. Fone, telefax, videotex, 93. Rádio e televisão, 94. A imprensa escrita, 94.	
9. A projeção tecnológica	96
Exemplos de criatividade, 98. Pesquisa básica, 100.	
10. Relações Japão—Estados Unidos	101

11. Instituições democráticas 107

PLD, 35 anos no poder, 109. A oposição dividida, 112. A Dieta Nacional, 112. Partidos políticos, 113. O Gabinete ministerial, 114. Poder Judiciário, 114. A família imperial, 118.

12. Questões sociais 120

Seguro social, 122. Moradia, 124.

13. O papel da educação 127

14. O universo cultural 130

Artes visuais, 131. Pré-história, 132. Introdução do Budismo, 133. Cerimônia do chá e ikebana, 136. Intercâmbio com o Ocidente, 137. Literatura, 138. Música, 140. Estilo ocidental, 141. Teatro e dança, 142. *Vaudeville*, 144. Cinema, 144. Esportes, 145. Eventos anuais, 145.

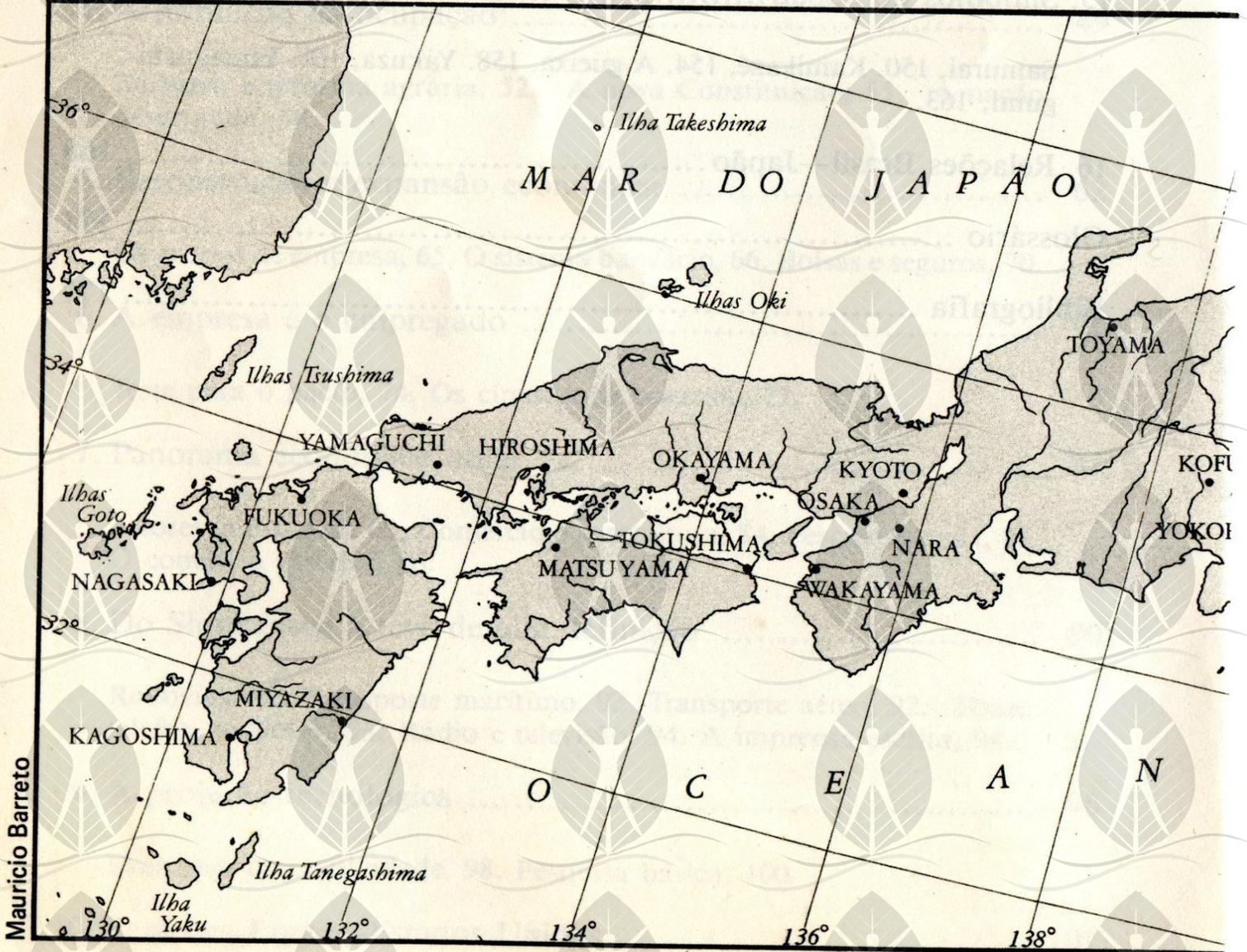
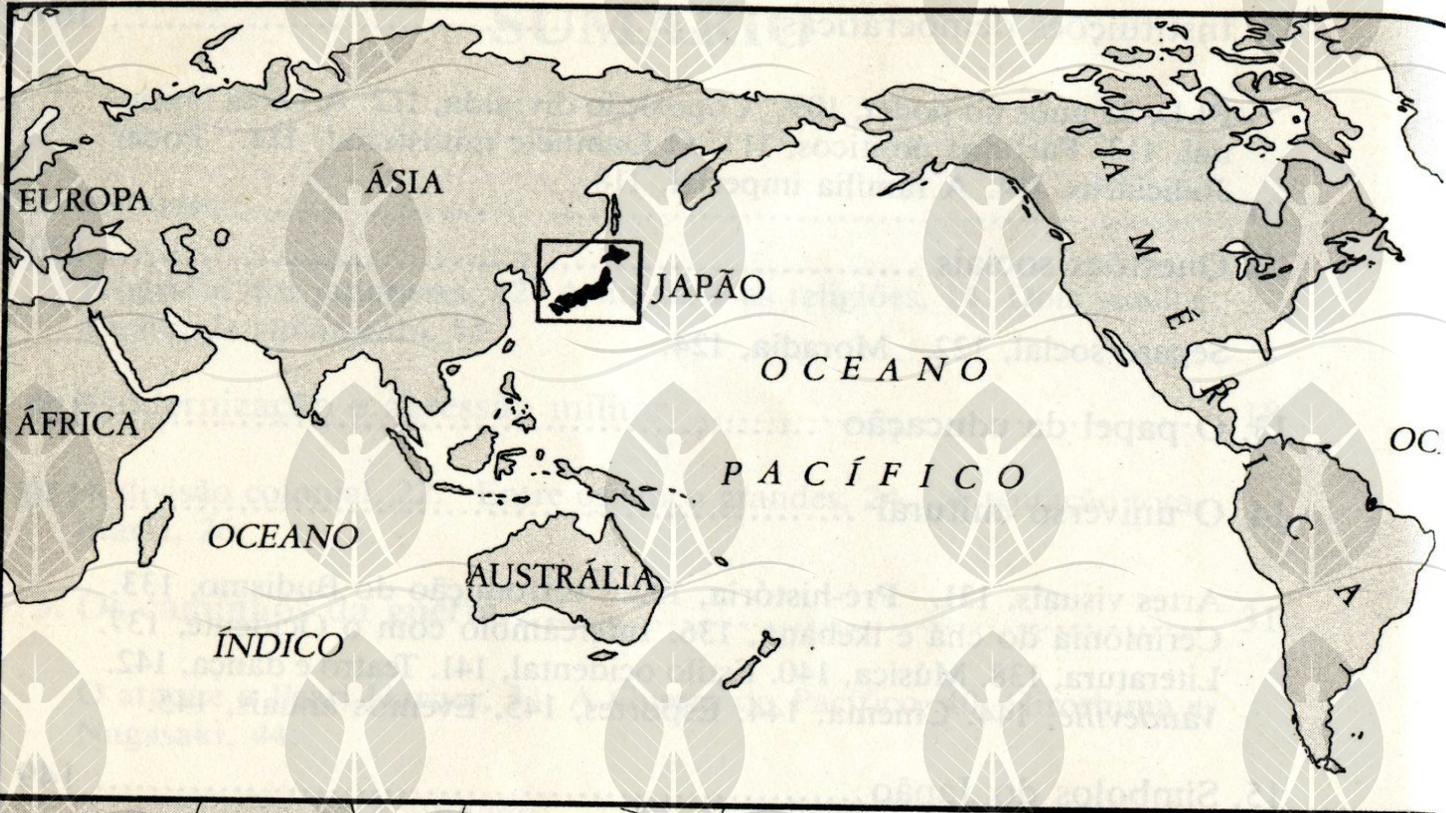
15. Símbolos do Japão 149

Samurai, 150. Kamikazé, 154. A gueixa, 158. Yákuza, 161. Yamaguchigumi, 163.

16. Relações Brasil—Japão 168

Glossário 171

Bibliografia 177



Mauricio Barreto

JAPÃO

MAR DE OKHOTSK

SAPPORO

Ilha Etorofu

Ilha Kunashiri

Ilha Shikotan

Ilhas Habomai

EUROPEANO

ATLÂNTICO

Ilha Sado

FUKUSHIMA

TOKYO

YAMAHA

Ilha Oshima

140°

142°

144°

146°

148°

142°

144°

146°

148°

46°

44°

42°

40°

38°

36°

34°





AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**